# **Peça:**  **O Jardim das Cerejeiras**

**Autor:**  **Anton Tchekov**

## **Tradutor:**  **Millôr Fernandes**

# **Personagem:**  **Lopakhine**

**Resumo da ação:**  **Lopakhine, acaba de comprar a propriedade onde seu pai e seu avô haviam sido escravos. Ele não cabe em si de contentamento, enquanto os antigos proprietários, principalmente a aristocrática Liuba, estão estarrecidos.**

Eu. Eu comprei o Jardim das Cerejeiras. Um pouco de paciência, senhoras e senhores, por favor. Minha cabeça ainda está meio perturbada com isso tudo. Tenho que me concentrar. Preciso de calma para explicar. *(Ri)* Bom. Chegamos ao leilão. Deriganov já estava lá. Imediatamente queimou o lance de 15.000 rublos de Leonid – tudo que este tinha – oferecendo 30.000 acima da hipoteca. Eu aparei o golpe, subi para 40.000 rublos, ele foi a 45.000, eu gritei 55.000 e continuamos, ele subindo 5.000 de cada vez, eu dez. Bem... Terminou. No meu último lance, 90.000, Deriganov desistiu, o martelo bateu. O Jardim das Cerejeiras é meu. Meu! Meu Deus, o cerejal é meu! Me chamem de bêbado, digam que enlouqueci, que é só um sonho. Não riam de mim! Se meu pai e meu avô levantassem da tumba agora, iam ver este momento de triunfo do seu Iermolai, o Iermolai batido e escorraçado, que vocês deixavam andar na neve esmolambado. O analfabeto Iermolai acaba de comprar a mais bela propriedade do mundo! Comprei a casa em que meu pai e meu avô foram escravos, onde não podiam entrar nem na cozinha! Eu sei; eu estou dormindo, eu estou sonhando! É tudo uma fantasia, trabalho de uma imaginação atolada e desenvolvida nas trevas da ignorância. *(Pega as* *chaves, sorrindo para elas com carinho)* Atirou as chaves fora reconhecendo que agora não é mais a dona da casa. *(Faz as chaves tilintar)* É isso. Venham! Venham todos assistir o estúpido Iermolai Lopakhine levantar seu machado no meio do jardim e botar no chão todas essas cerejeiras! Vamos construir casas aí e desse mesmo chão os nossos filhos, e os filhos dos nossos filhos, verão brotar uma vida nova.  *(Lopakhine se aproxima de Liuba, que chora, e fala em tom de* *censura)* Por quê? Por quê não me ouviu? Minha pobre amiga, agora é tarde. Oh, tomara que isso acabe logo... que a gente encontre alguma maneira de mudar esta nossa vida absurda e miserável.